

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	PA	01	08	14	F11	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Quilombos de Oriximiná
LOCALIDADE	Território Quilombola Moura
MUNICÍPIO / UF	Oriximiná/PA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

	
Vista externa da Casa do Artesanato no Moura, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 20/04/2013.	Vista interna da Casa do Artesanato no Moura, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 20/04/2013.
	
Artesanato de barro, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 20/04/2013.	Sítio de terra preta no Moura, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 20/04/2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE

As principais referências culturais do território quilombola do Moura estão fortemente ligadas, como em outras localidades pesquisadas, à história de resistência à escravidão e conquista de domínio sobre áreas de florestas e rios na região do Alto Trombetas. As distinções entre natureza e cultura nas formas de apropriação do território são tênues, posto que essas dimensões sempre estiveram entrelaçadas na trajetória de estabelecimento da comunidade quilombola na localidade. É parte significativa de seu patrimônio cultural, portanto, todo o conjunto de atividades, saberes e práticas de manejo da floresta, dos rios, lagos e igarapés da região, de acordo com o calendário ecológico que a regula. Ademais, os ambientes naturais (rios, lagos, castanhais, copaibais) também são marcos de valor histórico e identitário, na medida em que constituíram, no processo de ocupação do território, a condição mesma de sobrevivência e reprodução física e simbólica dos negros aquilombados no Alto Trombetas e seus descendentes.

Por outro lado a história de vida de cada morador, mais especialmente daqueles que há mais tempo se fixaram no território – enfrentando tamanhas adversidades para garantir a sobrevivência de famílias inteiras e contribuindo significativamente para a atual composição social da comunidade – também faz parte da história da localidade e da memória coletiva. Essas histórias e memórias, na verdade, ultrapassam os limites do Moura e conectam-se com as trajetórias de parentes que vivem em outras comunidades, atualmente delimitadas por outros territórios quilombolas como Jamary-Último Quilombo e Alto Trombetas, por exemplo. Trata-se, efetivamente, de uma grande região que compartilha, em grande medida, as mesmas referências culturais, apesar das variações locais de um território para outro.

A seguir serão apresentadas as principais referências culturais apontadas pelos moradores do Moura.

Celebrações

Na comunidade do Moura registram-se festas de santo, do Dia da Consciência Negra, festas juninas e natalinas, como, de praxe, ocorre nas demais localidades quilombolas de Oriximiná. Mas a celebração que se destaca como referência singular do calendário local é a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Segundo Seu José Lopes a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tradicionalmente ocorre em outubro, mas, na verdade, sua data pode variar devido à seca do rio, que, quando é muito forte, não permite a realização do círio fluvial nessa época. Quando isto acontece, a comemoração pode ser adiada:

A festa da santa às vezes varia por causa da seca, mas é sempre em outubro. Outubro é o mês que tá seco aqui, então quando a gente vê que tá muito seco, que vai ter dificuldade pros barcos, os motorzinhos entrarem, chegarem até nosso centro comunitário a gente adianta um pouco pra ainda ter água pra todo mundo chegar aqui. A gente faz o círio da santa, também precisa de água no rio pra nosso círio aqui, que é fluvial (José Lopes, Moura, 20.04.2013).

O festejo da santa é realizado durante dois dias e tem celebrações, ladainhas, torneio de futebol, festa “cultural” e festa “social”. No primeiro dia de festa, sexta-feira, após a procissão das embarcações, acontece o círio luminoso, no qual os peregrinos soltam barquinhas feitas de papelão com pequenas velas ao centro. Em seguida, acontece a celebração religiosa. Após a celebração é servido um jantar gratuito a todos os presentes. No mesmo dia acontece a festa “cultural”, considerada pelos comunitários como a festa mais tranquila, quando os mais velhos relembram os tempos de outrora ao som de músicas antigas como valsa, desfeiteira, lundu, bolero. Já no segundo e último dia de festa, no sábado, os homens da comunidade são encarregados de promoverem o torneio de futebol. À noite faz-se a festa “social”, que é considerada a mais animada, na qual se tocam todos os ritmos musicais atuais.

Para a realização da festa a comunidade conta com o financiamento da Prefeitura Municipal de Oriximiná, que normalmente doa um boi para alimentação dos participantes, o serviço da aparelhagem de som e a bola para o torneio de futebol. A Mineração Rio do Norte (MRN) faz doações em dinheiro.

Formas de expressão

Na comunidade do Moura registram-se formas de expressão antigas e contemporâneas como danças, músicas e histórias de encantarias que ocorrem também em outros territórios quilombolas de Oriximiná. Dentre as formas expressivas mais antigas destacam-se na memória dos moradores as chamadas “festas de ramada” em que se tocavam apenas “músicas de pau e corda” (executada com instrumentos confeccionados artesanalmente com madeiras, couros e fibras retirados das florestas), e se bailavam valsa, mazurca, desfeiteira e outras danças que caíram em desuso na localidade. Atualmente nas festas se tocam e dançam ritmos populares de ampla difusão nas mídias locais e nacionais, a exemplo do forró, do sertanejo e do brega, entre outros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Músicas dos quilombos

Uma forma de musicalidade mais singular dos territórios quilombolas de Oriximiná, e que tem no Moura um foco de produção e recepção, é a chamada “música dos quilombos”. São assim conhecidas as composições feitas e cantadas pelos próprios moradores das comunidades quilombolas para animar suas festas, apresentações culturais, reuniões, assembleias e outros momentos de encontro.

O compositor mais conhecido do Moura é o senhor José Lopes, que em algumas de suas músicas homenageia os castanheiros, como no exemplo abaixo:

Quando chegava na safra
O povo se juntava em um barracão
Para fazer uma festa
Isso era o costume da região
Não precisava de som
Nem tão pouco de bebida
Música era violinho com banjo
E tambor com couro de guariba
Tudo por causa da fruta
Da castanha (...)
Gênero considerado
Vendido aprovado
Pro meio de vida
Ei castanheiro
Cadê o tempo bom que não volta mais
Ainda hoje me vem na lembrança
Meu tempo de infância dos castanhais
Ei castanheiro
Cadê a castanha de nossa terra
Nossa safra devia ser melhor
Se o povo ficasse uma safra sem guerra

Ofícios e modos de fazer

Ofício de castanheiro

A coleta de castanha é um meio de sobrevivência tradicionalmente praticado pelos negros no Alto Trombetas, que se repete em todos os territórios pesquisados no INRC e que marca, sem dúvida, a identidade quilombola em Oriximiná, desde os tempos em que, fugindo da escravidão, se instalaram nos altos das cachoeiras (quando vendiam as castanhas para comerciantes aliados nas cidades mais próximas) até hoje, passando pelo período em que os castanhais foram controlados por supostos proprietários que agiam como patrões no aviamento dos coletores.

Esse período, frequentemente referido como “tempo dos patrões”, caracterizou-se pela privatização de terras públicas e pela exploração do trabalho dos negros pelos supostos donos dos castanhais. Os patrões vendiam aos negros os instrumentos de trabalho e os mantimentos para a temporada de coleta, no sistema de adiantamento de crédito que esteve na base do aviamento em toda a Amazônia; depois, compravam-lhe a produção de castanhas a preços módicos; dos valores a serem pagos abatiam todas as despesas feitas antecipadamente pelos coletores; no final da negociação, quase nada sobrava como saldo a estes últimos. A situação de penúria a que muitos negros eram reduzidos nesse sistema de trabalho é retratada em músicas de Seu José Lopes, morador do Moura:

Chegou janeiro lá vai o castanheiro
Foi para as matas do Trombetas trabalhar
Saiu de casa levando tudo que tinha
Chegou janeiro, lá vai castanheiro
Foi para matas do Trombetas trabalhar
Foi à cidade, falou com seu patrão
Ele fez a aviação pra depois ter que pagar
No fim de tudo saiu de casa levando tudo que tem
Levou a família, levou a criação também
Galinha, cachorro, porco
No fim de tudo, por mais que eu não tire saldo
Vendo todos com saúde está tudo muito bem
(José Lopes, Moura, 20.04.2013).

Como diz a música, a extração acontece sempre no período chuvoso na região, isto é, de janeiro a maio, que é “quando a castanheira joga os ouriços”. Na verdade, os ouriços caem no chão e os coletores os apanham. Depois os quebram para retirada das sementes comestíveis.

Ainda de acordo com a música, por tradição o trabalho de coleta era feito coletivamente, seja por uma família

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

inteira (incluindo os filhos menores) ou por um grupo de homens, normalmente parentes e/ou vizinhos, que costumavam ficar meses morando em abrigos temporários construídos na floresta. Entretanto, a realização desse ofício no contexto familiar vem se alterando cada vez mais. Com o aumento do número de crianças e jovens na escola, as famílias não podem mais se deslocar, inteiras, por longos períodos. Assim, hoje em dia, é principalmente o chefe da família que se desloca para as safras de castanha, permanecendo em casa a esposa e os filhos em idade escolar, para que não percam suas aulas.

Antigamente, no fim da safra, os castanheiros desciam dos castanhais direto para Oriximiná, onde, além de comprarem gêneros para casa, gastavam o pouco saldo em comemorações. Ainda hoje participam da chamada “festa do castanheiro”, uma comemoração que integra os festejos do Círio de Santo Antônio (padroeiro de Oriximiná) que ocorre em fins de julho, início de agosto.

O castanheiro, quando chegar mês de junho, vai ajustar as suas contas pra voltar pro seu local. Se trabalhou três vezes mais do que comprou, mais lhe garanto, meu senhor, que ele vem pro festival... Julho, agosto nós temos o festival de Oriximiná, a festa de nosso padroeiro onde inclui a festa do castanheiro, a festa cultural dos castanheiros. Todo mundo já desce, desce do trabalho com algum dinheirinho no bolso, vai pra lá gastar, compra alguma coisa. Quem não tirou, mesmo assim vai! (José Lopes, Moura, 20.04.2013).

Artesanato de barro

A produção de artesanato de barro era um ofício desenvolvido em todas as comunidades quilombolas de Oriximiná, principalmente por mulheres, e repassado por várias gerações. Seu declínio se deu em par com a introdução das baixelas de vidro, inox, plástico e alumínio nas cozinhas locais. Atualmente, poucas pessoas se dedicam a ele, mas no território do Moura um projeto sociocultural iniciado pela MRN em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi no início dos anos 2000 tem procurado incentivar a atividade e explorar seu potencial para geração de renda.

O projeto promoveu escavações arqueológicas, pesquisas museológicas e oficinas. Hoje, mulheres da comunidade dedicam-se à confecção de artesanato de barro inspirado em artefatos arqueológicos da cerâmica Konduri. Para produção e exposição dos objetos foi construído um barracão no terreno de Seu José Lopes, o qual, após as escavações feitas no âmbito do projeto, ficou reconhecido como um sítio arqueológico da localidade.

Com o projeto, Seu José tornou-se um mestre do artesanato de barro, destacando-se por ter assumido um trabalho que tradicionalmente era realizado quase que exclusivamente por mulheres. Ele atualmente trabalha na própria residência, com ajuda da esposa e de um filho, num espaço anexo ao barracão de exposição.

Está com doze anos mais ou menos que o projeto chegou com a gente. Incentivou a gente. Eu gostei da ideia e comecei a aprender e hoje a gente tá até ministrando oficina por aí com outras comunidades. Porque a gente se aprofundou um pouco. Eu gostei muito, é um trabalho muito delicado, emocionante assim. Eu gostei desse trabalho porque eu aprendi a trabalhar pra mim também. Desde que eu comecei a trabalhar com isso, eu deixei de trabalhar empregado também, pros outros. Achei que trabalhar pra mim é melhor que trabalhar pros outros, não fica subordinado pra ninguém. Você vê aqui, é eu e ela, meu filho que trabalha. Mas o dia que nós não queremos trabalhar ninguém vem obrigar a gente né? E a gente trabalha até que a gente tem tudo isso (José Lopes, Moura, 21.04.2013).

Os objetos produzidos na comunidade são decorativos e utilitários, destinados principalmente para o comércio fora da região. Contudo, os produtores se queixam de dificuldades no escoamento da produção e avaliam que os circuitos de comercialização das peças ainda são muito restritos, de modo que a atividade não desenvolve todo o seu potencial de geração de renda para as famílias locais, havendo ainda sensível dependência de apoio externo, principalmente da MRN.

Artesanato de talas, palhas e cipós

Ao contrário do artesanato de barro, que passou tempos em desuso na comunidade, a produção artesanal de objetos com palhas, talas e cipós sempre se manteve importante no Moura, embora o número de artesãos em atividade venha paulatinamente decaindo. De todo modo, até hoje se cobrem casas com telhados de ubim, usam-se paneiros de talas, peneiras, cestos e muitos outros objetos tecidos ou trançados.

Ofício de agricultor

Um dos ofícios mais importantes nas comunidades quilombolas de Oriximiná, do qual sobrevivem diversas famílias, é a agricultura. O principal cultivo agrícola é a mandioca, da qual se faz o produto básico da cultura alimentar local, a farinha, mas também se plantam tubérculos como batata, cará e macaxeira, além de milho, feijão e muitas frutíferas como melancia, banana, abacaxi, goiaba, laranja, acerola e açaí, entre outros.

A maioria dos produtos da roça é consumida no espaço doméstico, garantindo a subsistência dos comunitários. O excedente, eventualmente, é comercializado na feira de Oriximiná. No entanto, é mais comum, que os produtores doem e/ou troquem esses excedentes uns com os outros, como presentes que circulam dentro da parentela e da

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	14	08	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

vizinhança, de modo a garantirem uma variedade na alimentação da família ao mesmo tempo em que reforçam os laços de solidariedade na coletividade.

Cabe ressaltar que, apesar da centralidade desse ofício na economia doméstica, inúmeros moradores vêm enfrentando crescentes dificuldades para fazerem suas roças devido às restrições impostas pelas Unidades de Conservação sobrepostas aos territórios quilombolas. Na comunidade do Moura, sobreposta pela Flona de Saracá-Taquera, a restrição à abertura de roçados, aliada à presença cada vez maior da Mineração Rio do Norte na localidade, vem impactando na diminuição da produção da farinha e obrigando os moradores a comprarem esse alimento nas feiras de Oriximiná e Porto Trombetas:

O povo tá esquecendo e a cultura do branco tá totalmente vencendo a cultura do povo. Por exemplo, a Mineração do Rio do Norte briga com a gente por que a gente diz que ela é a única culpada, assim, da maioria de nós perder nossa cultura. Porque, hoje em dia, farinha aqui no Moura não tem mais! Ninguém quer produzir farinha porque todo mundo tá lá dentro da Mineração Rio do Norte, trabalhando no computador, negócio mais fino, dirigindo um carro... Isso não existia antes. Todo mundo tinha sua rocinha, seu plantio. Então, depois que a empresa chegou, acabou isso. Então, ela se sente culpada, ela mesmo, e a prova disso é que por isso ela também investe um pouquinho com a gente, né? (Antônio Dorão, Erepecu, 04.05.13).

Ofício de caçador

A caça é uma atividade tradicional e essencial para a subsistência dos quilombolas de Oriximiná. Foi justamente o acesso a esse tipo de recurso que lhes possibilitou ter certa autonomia quando se instalaram nos mocambos após as fugas do cativeiro. As carnes de caça são não só fontes de proteínas, mas também comidas muito apreciadas na totalidade das comunidades quilombolas do sítio pesquisado.

Na localidade do Moura observam-se restrições crescentes às caçadas, em função da sobreposição do território pela Floresta Nacional de Saracá-Taquera. Ainda assim, é costume dos moradores comer carnes de caça assadas, guisadas e cozidas no leite da castanha.

As caçadas são quase sempre feitas pelos homens, e há vários locais de mata fechada cercando toda a comunidade, que são propícios para a atividade. No entanto, os castanhais são normalmente as áreas mais ricas em animais, onde se fazem as melhores capturas.

É importante notar que se trata de uma prática voltada para o autoconsumo e a troca de donativos entre as famílias locais. Por exemplo, quando se mata uma caça grande como uma anta ou um veado, ou até mesmo um animal de pequeno porte como uma cotia, é de praxe fazer-se a divisão do alimento entre familiares e vizinhos. Em boas caçadas os moradores chegam a fazer reuniões para confraternizarem, comendo juntos o produto da atividade.

Ofício de pescador

Assim como a caça, a pesca também é uma atividade tradicional e essencial para a subsistência dos quilombolas do Moura, voltada para a alimentação diária das famílias. Homens, mulheres e crianças dedicam-se a essa atividade quase que diariamente.

Para a prática da pesca o Lago do Moura é o lugar de acesso mais frequente. Os peixes que os moradores dessa comunidade costumam capturar quando o rio está secando, no verão, são o tucunaré, o mapará, o apapá e o cará-moló. Já no inverno, o peixe mais farto é o pacu.

Medicina tradicional

Em praticamente todas as casas do Moura encontram-se nos quintais, em canteiros suspensos ou no chão, vários tipos de plantas com propriedades curativas conhecidas pelos quilombolas há muitas gerações, como, por exemplo, a sálvia-do-marajó, a carmilitana, a japana, o cipó-alho, a chicória, o uirapuru, o crajiru e a pimenta malagueta. Os moradores utilizam-nas para o tratamento de diversas doenças, principalmente nos casos menos graves como de dores no estômago, dores de cabeça, vômitos e diarreias.

Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira

As práticas de benzer e puxar são muito frequentes nas comunidades quilombolas de Oriximiná, assim como em outras regiões do estado do Pará, inclusive em áreas urbanas e atendidas pelo sistema oficial de saúde. Benzedores e benzedeiras, puxadores e puxadeiras são comumente procurados para tratar casos de doenças consideradas simples como vômito, febre, quebranto, desmentiduras (luxações), rasgaduras e dores de cabeça.

Tais práticas curativas normalmente são consideradas dons de nascença, que podem ser desenvolvidos pelos indivíduos que os possuem no intuito de ajudar os outros a recuperarem a saúde, encarando-se esse fazer como uma missão. Em alguns casos, o indivíduo herda a função após a morte de algum familiar próximo, assumindo-a também como uma espécie de obrigação.

No Moura os senhores Francisco Coimbra de Almeida, vulgo Agoniado, e Osvaldo Santana, conhecido como Vavá, são tidos como homens sábios, benzedores reconhecidos pelos serviços que têm prestado à comunidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Localização e acesso

O Território Quilombola do Moura situa-se no Município de Oriximiná, Microrregião de Óbidos, Mesorregião do Baixo Amazonas, Região Oeste do Pará.

O território ocupa uma área de aproximadamente 18.491 hectares na margem direita do Rio Trombetas. Delimita-se a norte, sul e leste com as comunidades quilombolas Palhal (Território Jamary-Último Quilombo), Boa Vista (Território Boa Vista), e Último Quilombo (Território Jamary-Último Quilombo), respectivamente. A oeste faz limite com áreas de exploração minerária, onde estão localizados os platôs denominados Papagaio, Monte Branco, Greigue e Cruz Alta. Em sobreposição aos limites territoriais encontra-se a Floresta Nacional de Saracá-Taquera.

O território fica próximo à cidade-enclave de Porto Trombetas, que é administrada pela empresa Mineração Rio do Norte (MRN), e o acesso a ele se faz por via fluvial, através do Rio Trombetas e do Lago do Moura. De Porto Trombetas a viagem até o Moura leva de 15 a 60 minutos, dependendo da embarcação utilizada (barco, lancha, bajaran). O trecho é navegável durante todo o ano, podendo apresentar algumas dificuldades para a passagem de embarcações maiores durante as secas de verão.

Não há rotas regulares de barcos de linha para a comunidade, mas muitos moradores possuem embarcações próprias – geralmente canoas e bajaran movidas a motor do tipo rabeta.

O território do Moura, assim como os demais, divide-se, basicamente, em área de uso e área de moradia, onde está sediada a única comunidade homônima que o integra.

População

A comunidade do Moura contabiliza cerca de 130 famílias. Os comunitários são, na maioria, descendentes de negros que se instalaram nas áreas mais altas e encachoeiradas do Rio Trombetas em fins do século 19, no ensejo da formação dos primeiros mocambos da região, e que depois da abolição da escravidão “baixaram” o rio para zonas de “águas mansas” e mais próximas dos núcleos urbanos com os quais mantinham relações comerciais.

Infraestrutura

São precárias as condições da comunidade do Moura no que tange à infraestrutura básica de abastecimento de água, saneamento, energia, comunicação, transporte e edificações.

A água para uso geral vem do rio e não é tratada. Algumas casas, além da escola, dispõem de microssistema acionado por bomba movida a combustível, que puxa água para a caixa e a distribui por encanamentos para pias e chuveiros. Os banheiros contam com fossas cavadas no chão.

Motores movidos a diesel são usados nas áreas comunitárias e nas residências que contam com esse recurso para geração de energia.

Aparelhos de telefone celular e modems de acesso a internet funcionam em alguns pontos da comunidade, principalmente no entorno da escola.

Educação

A comunidade do Moura é atendida pela Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que oferece ensino de nível fundamental. Ela foi fundada em 1987, graças ao empenho de alguns moradores como os senhores Manoel Crisinel Albuquerque, Manoel Valério dos Santos e Sebastião Siqueira, que foram até a Prefeitura de Oriximiná pedir que instalasse uma escola na localidade. Com o aval do prefeito e com a condição de que encontrassem uma professora disposta a trabalhar lá (pois, segundo o prefeito, nenhum profissional da cidade se dispunha a fazê-lo), a primeira escola da comunidade foi construída em sistema de mutirão. Suas paredes eram de pau-a-pique, a cobertura feita de palha de ubim, o chão era de barro batido e não tinha carteira para os alunos sentarem, então cada pai fazia um banco para o filho. Como material didático havia apenas o “livro do mestre” para guiar o professor, e os alunos recebiam livros usados doados por antigos professores na cidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Segundo Manoel Siqueira, atual diretor da escola, a situação veio a melhorar significativamente no final da década de 1990, com apoio do movimento quilombola e da Igreja Católica. A escola ganhou em infraestrutura e quadro funcional. Mais recentemente, em 2012, passou a ser uma Unidade Regional de Ensino, anexando as escolas das comunidades de Boa Vista, Jamary, Nova Esperança e Último Quilombo.

A luta atual dos moradores é pela oferta do ensino de nível médio na escola, a fim de propiciar a permanência dos jovens na comunidade.

Saúde

As práticas tradicionais baseadas no uso de ervas medicinais e nos ritos de benzeção e puxação ainda desempenham um papel predominante nas formas de tratamento de saúde na localidade. No entanto, têm alcance limitado a problemas considerados mais simples, passíveis de soluções caseiras, como diarreias, vômitos, febres, dores musculares e luxações. Casos considerados mais graves, embora possam ser preliminarmente tratados com os recursos tradicionais, costumam ser encaminhados para o sistema oficial de saúde.

Como não há posto de saúde na localidade, o primeiro recurso no sistema de saúde costuma ser buscado na cidade de Porto Trombetas, onde um hospital da MRN oferece os primeiros socorros. Antigamente, segundo os moradores, esse hospital atendia os quilombolas em todos os tipos de casos, dos mais simples aos mais complexos, mas depois passou a utilizar um método de cadastro que restringiu a quantidade e a abrangência dos atendimentos prestados aos comunitários (segundo um morador, o cadastro incluiu apenas quem já morava na localidade quando a empresa se instalou no Trombetas). Então, após os primeiros socorros em Porto Trombetas, os quilombolas não cadastrados no hospital da mineradora são encaminhados para o Sistema Único de Saúde (SUS) em Oriximiná.

Para atender os moradores não cadastrados em seu hospital, a mineradora desenvolve um projeto chamado Projeto Quilombo, que oferece atendimento básico de clínico geral, pediatria e ginecologista uma vez por mês na comunidade do Moura (onde também são atendidos moradores de outras comunidades vizinhas). A empresa fornece também os medicamentos para os atendidos neste projeto.

Entre os casos de doenças mais frequentes na comunidade estão diarreia, micoses, diabetes, anemia e pressão alta.

No território do Moura não existe cemitério, e os moradores se servem do cemitério localizado na comunidade Último Quilombo para enterrarem seus mortos.

Organização social e política

No plano político a comunidade do Moura é representada pela Associação das Comunidades de Remanescentes de Quilombos do Alto Trombetas (ACRQAT), que, por sua vez, é filiada à Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO). Dentro do esquema organizacional da ARQMO, o Moura faz parte da Área Alto Trombetas II, juntamente com os territórios Boa Vista e Jamary-Último Quilombo.

No plano do trabalho muitos comunitários estão organizados na Cooperativa de Prestação de Serviço da Comunidade do Moura (COOPERMOURA), que foi fundada em 2002 com o objetivo de facilitar a contratação de moradores desta e de outras comunidades próximas para a prestação de serviços gerais para a MRN.

A criação dessa entidade responde, em grande medida, aos impactos gerados pela degradação ambiental causada pela própria mineração na localidade e às restrições imputadas pela legislação preservacionista da Flona de Saracá-Taquera. Como as atividades agroextrativistas tradicionais (caça, pesca, agricultura, coleta de recursos naturais dentro da floresta) ficaram progressivamente comprometidas por esses dois fatores de intervenção no território quilombola, ao findar o século XX os moradores viram significativamente reduzidas suas alternativas econômicas e, foram, então, obrigados a buscar outros tipos de trabalhos para o sustento das famílias. Nesse cenário a perspectiva de assalariamento em Porto Trombetas passou a atrair um número cada vez maior de homens e mulheres, que foram buscar empregos na cidade da mineradora.

Nós não tínhamos fonte de renda na nossa comunidade se não fosse a caça, a pesca e a madeira, uma coisa fácil que a gente corresse menos risco de ir pescando, tirando madeira, né? A gente pensou em criar uma cooperativa que trouxesse a mão de obra e qualidade de vida pra todo mundo. Foi assim que a gente fundou ela (Eder Mendes, Moura, 26.04.2013).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Além de facilitar a busca de empregos, a cooperativa oferece auxílio em atendimento médico para os cooperados e mantém o compromisso de investir parte de seus ganhos em benfeitorias na comunidade.

Pra comunidade geralmente a gente usa verba. Que pro cooperativismo tem uma lei que diz que tem que ter uma parte pra investir em educação, saúde. A gente leva em forma de benefício alguma coisa, construir alguma coisa na comunidade pra ajudar. Os cooperados, quando têm alguma dificuldade, caso de doença, o assistente está presente. Hoje o doente entra e consegue todo remédio que é receitado pelo médico. Conseguiu, dá pros cooperados. Ele já não tem mais que pagar. A gente dá os medicamentos pra eles pra facilitar a vida deles (Eder Mendes, Moura, 26.04.2013).

Por intermédio da COOPERMOURA muitos quilombolas da localidade têm sido empregados em Porto Trombetas, quase sem exceção em postos de trabalho de baixo escalão, nos serviços de minas, jardinagem, construção civil, cozinha, limpeza, transporte de cargas e pessoas, entre outros.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O território do Moura compreende unidades de paisagem distintas e dotadas de características próprias como a terra firme (áreas mais altas, livres de inundações), a várzea (áreas que alagam nas cheias de inverno) e as ilhas formadas dentro de lagos e rios. Cada unidade combina de uma forma peculiar recursos naturais que, de um modo geral, se espraiam por todo o território (água, terra e vegetação), ensejando, por conseguinte, formas de ocupação e uso diferenciadas.

Como os demais territórios quilombolas pesquisados, o Moura comporta uma área de moradia, de extensão mais restrita, e uma ampla área de uso. A primeira estende-se nas beiras de lagos do Rio Trombetas, e é caracterizada pela presença de casas, quintais e construções de uso comunitário que denotam uma forma de ocupação mais intensiva. A segunda caracteriza-se por nichos de floresta preservada ou pouco antropizada. Ambas são concebidas como áreas de propriedade coletiva, embora o domínio sobre as terras na área de moradia seja exercido pelos indivíduos ou famílias que as ocupam.

Ressalta-se no território a sobreposição da Floresta Nacional de Saracá-Taquera (Flona), criada pelo Decreto nº 98.704, de 27 de dezembro de 1989, que impõe regras ambientais que restringem a exploração de recursos naturais pelos moradores.

Características gerais

O principal recurso hídrico do território do Moura, e uma de suas principais unidades de paisagem, é o Rio Trombetas, que atende a fins de deslocamento e provisão de água potável e alimento para toda a comunidade. Os lagos que dele se formam também constituem fontes importantes de água doce e pescado, além de referências geográficas para a população local. O mesmo se pode afirmar em relação a ilhas, bocas de rios e igarapés.

A vegetação característica do território é a floresta ombrófila densa, com concentração de copaibais em algumas áreas significativas onde predominam árvores nativas de grande porte e idade avançada.

O solo do Moura é rico em bauxita e por este motivo o território tem sido visado em projetos de expansão da empresa Mineração Rio do Norte. Na área de moradia da comunidade o solo é rico em terra preta e esconde vários vestígios arqueológicos.

Exploração de recursos ambientais

A pesca e a caça estão entre as principais atividades de exploração de recursos naturais no território. Para a pesca os moradores da comunidade acessam o lago do Ipireira, a Ilha do Cauixi, a Boca do Moura, o Lago do Patauá e o Igarapé do Moura, além do próprio Rio Trombetas e do Lago do Moura. Já a caça é praticada em toda a área de mata fechada que circunda a comunidade.

A exploração da copaíba se concentra em áreas sobrepostas pela Flona de Saracá-Taquera, onde a abertura de novos platôs de exploração minerária preocupa a comunidade.

Os principais pontos de coleta de castanha acessados pelos moradores do Moura, vale ressaltar, localizam-se no entorno do Lago Erepecu, no território Jamary-Último Quilombo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4.3. MARCOS EDIFICADOS

O território do Moura localiza-se a margem direita do Rio Trombetas, no Lago Moura, no município de Oriximiná, no Noroeste do estado do Pará, que compreende a área de moradia da comunidade de mesmo nome e as áreas de uso exploradas pelos moradores locais, é consideravelmente mais rico em marcos naturais (lagos, igarapés, florestas) que em marcos edificados. Estes últimos são pouco numerosos e significativos para a população local. Eles ocorrem exclusivamente na área de moradia da comunidade.

Barracão de artesanato

Uma edificação importante na comunidade é o barracão de exposição de peças de artesanato em barro que foi construído no terreno de Seu José Lopes pelo projeto empreendido pela MRN em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi. Trata-se de um barracão simples, construído em meia-parede de tijolos e com cercas de arame, em cujo interior existem bancadas e prateleiras para mostra dos objetos produzidos pela comunidade. Na área externa ficam o forno e as áreas de acondicionamento do barro usado como matéria-prima para as peças. O espaço atende às demandas da comunidade e também é aberto a visitantes externos.

Templos religiosos

A comunidade conta com uma igreja católica, a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e com um templo da Assembleia de Deus, ambos construídos em alvenaria.

Barracão comunitário

O Moura dispõe de um barracão de madeira que se destina à realização de reuniões de moradores e das organizações quilombolas da região, além de funcionar como sede para as festividades religiosas e sociais da comunidade.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

A trajetória de formação da comunidade do Moura remete aos mocambos formados no alto curso do Rio Trombetas, na segunda metade do século XIX, por negros fugidos da escravidão das fazendas de cacau, café e de gado de Santarém e Alenquer. Primeiramente instalados em zonas de difícil acesso, localizadas acima das cachoeiras, por questões de segurança e proteção contra as investidas de recaptura financiadas pelos senhores de escravos, os negros amocambados empreenderam o deslocamento rio abaixo quando as perseguições se amenizaram, conforme se aproximava a abolição da escravidão e o início do século XX.

A mudança para as zonas de “águas mansas”, mais próximas das cidades, favorecia as redes de trocas de bens e favores que os mocambeiros mantinham com comerciantes de sua confiança desde os tempos de fuga da escravidão, e que os ajudaram a estabelecer certa autonomia econômica baseada em práticas agroextrativistas que se mantêm como tradição até o presente. Nesse período, conhecido como “descenso”, foram iniciados novos núcleos de povoamento negro no Rio Trombetas e seus afluentes.

Segundo moradores, foi a família Siqueira que “abriu o primeiro roçado” na localidade e deu início à formação da comunidade do Moura, no início dos anos 1900. Contam-se duas versões sobre a origem do nome e da ocupação da comunidade.

Na primeira versão acredita-se que o nome Moura foi dado ao lugar porque os primeiros habitantes do entorno do lago em cujas margens está situada a comunidade teriam sido os índios Muriás, de cuja ocupação restaram vestígios como os cacos de vasilhas de barro que até hoje são frequentemente encontrados em terrenos locais. Esses índios teriam deixado o Trombetas a partir da chegada mais intensa dos negros e migrado para outras áreas, como o Rio Madeira, após terem travado trocas matrimoniais e comerciais com os remanescentes de quilombos que ali se instalaram. De acordo com histórias que moradores ouviram de seus antepassados, negros e índios trocavam produtos como peixe, farinha e artesanato, e os primeiros teriam aprendido com os segundos certas técnicas de caça e produção de cerâmica, que incorporaram e praticam até hoje.

A segunda versão conta que a comunidade recebeu o nome de Moura porque no passado teria residido ali uma família de sobrenome Mura, donde a corruptela Moura teria se formado. Esta versão não é muito aceita na comunidade, segundo uma liderança local, porque ninguém ali assina o sobrenome Moura, de modo que não se confirmaria a existência dessa família original.

A localidade foi sendo povoada lentamente ao longo da primeira metade do século XX. De acordo com Manoel Siqueira, liderança local e diretor da escola da comunidade, nos anos 1950 ali moravam apenas quatro famílias:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	14	08	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Serrão, Macaxeira (sobrenome geral pelo qual são conhecidos os Oliveira de Jesus), Correia (que se assina Siqueira) e Santana. Na segunda metade do século a população multiplicou-se significativamente com a chegada de mais remanescentes de quilombos vindos de áreas mais altas do Rio Trombetas (Tapagem, Abuí, Cachoeira Porteira, Serrinha, Arancuan e também de forasteiros vindos de Óbidos, Oriximiná, Manaus, Terra Santa).

A principal fonte de atração populacional nas últimas décadas do século XX foi o empreendimento minerário aberto pela Mineração Rio do Norte em Porto Trombetas a partir do final dos anos 1970. Muitos trabalhadores vieram para Porto Trombetas em busca de empregos. Muitos não conseguiram obter colocação na empresa, outros se ocuparam temporariamente, alguns foram empregados. Como resultado, um contingente de migrantes foi-se fixando nas comunidades próximas à cidade-enclave da mineradora, entre elas o Moura.

O aumento da população, a falta de empregos e a criação de duas Unidades de Conservação federais (a Rebio Trombetas e a Flona Saracá-Taquera, esta última sobreposta à área ocupada pelos moradores) nos anos 1970 e 1980 provocaram um considerável aumento da pressão sobre recursos naturais indispensáveis à sobrevivência dos habitantes do Moura. Logo começaram a ser sentidos também os efeitos negativos da atividade minerária, que poluiu lagos importantes como fontes de água e alimento para a população local.

O caso mais emblemático da degradação ambiental que atingiu a localidade foi o do Lago do Batata.

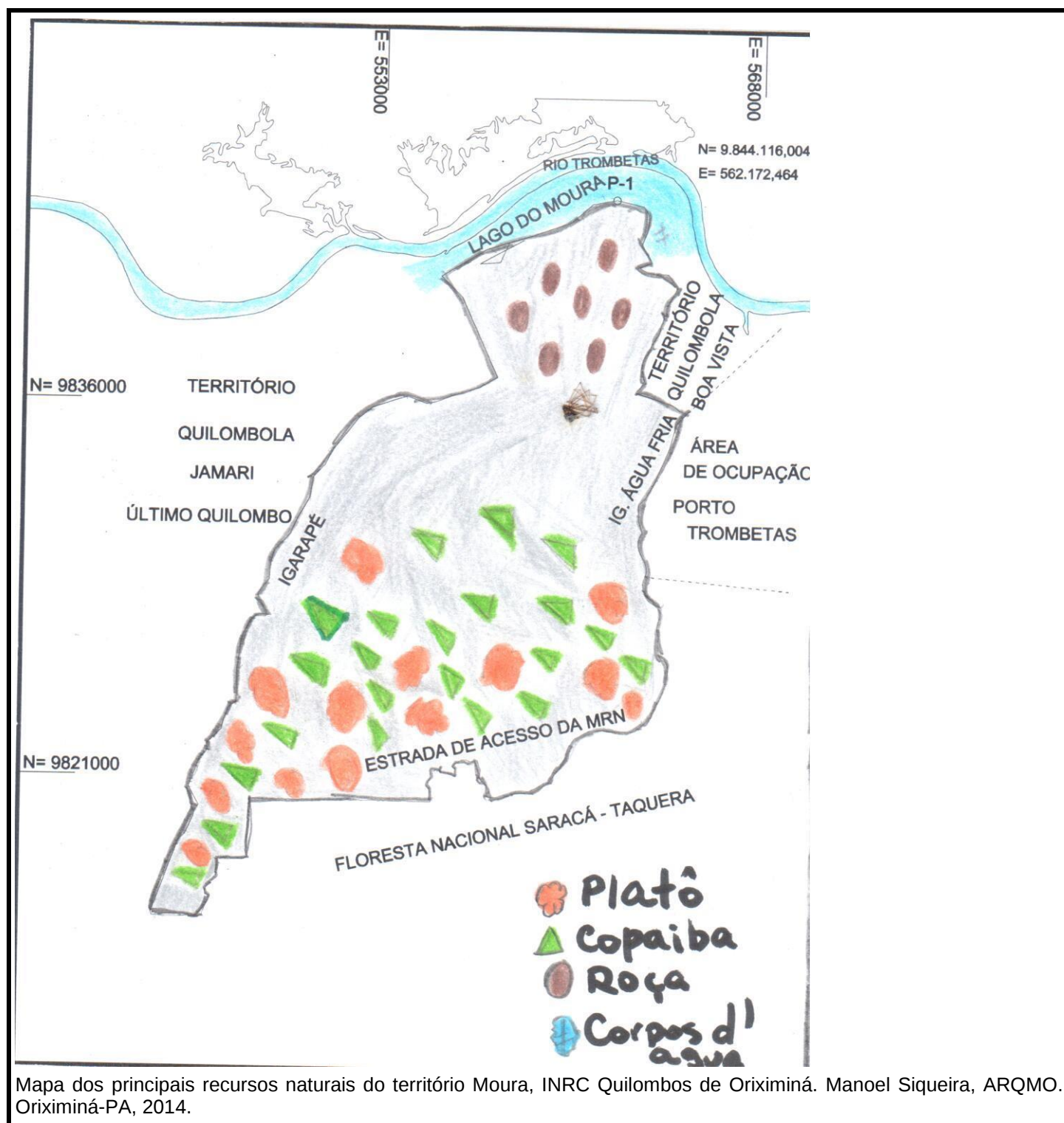
O impacto sobre o lago Batata atingiu ampla notoriedade em níveis nacionais e internacionais. A emissão do rejeito no lago perdurou do início da atividade extrativista, em 1979, até 1989, quando se transformou num escândalo, sendo considerado o maior desastre industrial da Amazônia. A poluição das águas tem sua origem na operação de lavagem da bauxita, que gera finos rejeitados. Estima-se que foram lançados 1,5 milhões de toneladas de rejeitos por ano do lago. Até meados de 1984, os rejeitos foram lançados no igarapé Caranam, que drena para o Batata (WANDERLEY, p. 68, 2008).

Diante do conturbado contexto que combinou aumento populacional, desemprego, restrição de acesso a recursos naturais e degradação ambiental, os moradores do Moura começaram a se organizar para a oficialização da comunidade e a formalização de processos visando à regularização fundiária das áreas ocupadas pela comunidade, conforme o direito previsto na Constituição Federal de 1988. O processo de organização teve grande apoio da Igreja Católica e foi se fortalecendo ao longo dos anos 1990.

No início dos anos 2000 a comunidade já contava aproximadamente 120 famílias. Em 2004 abriu o processo nº 5400.002186/2004-74 junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para demarcação e titulação do território quilombola do Moura. Só em 2013 a primeira etapa do processo foi concluída, com a feitura do Relatório Antropológico que embasará o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação Territorial (RTID), que agora se encontra em fase de elaboração pelo Incra.

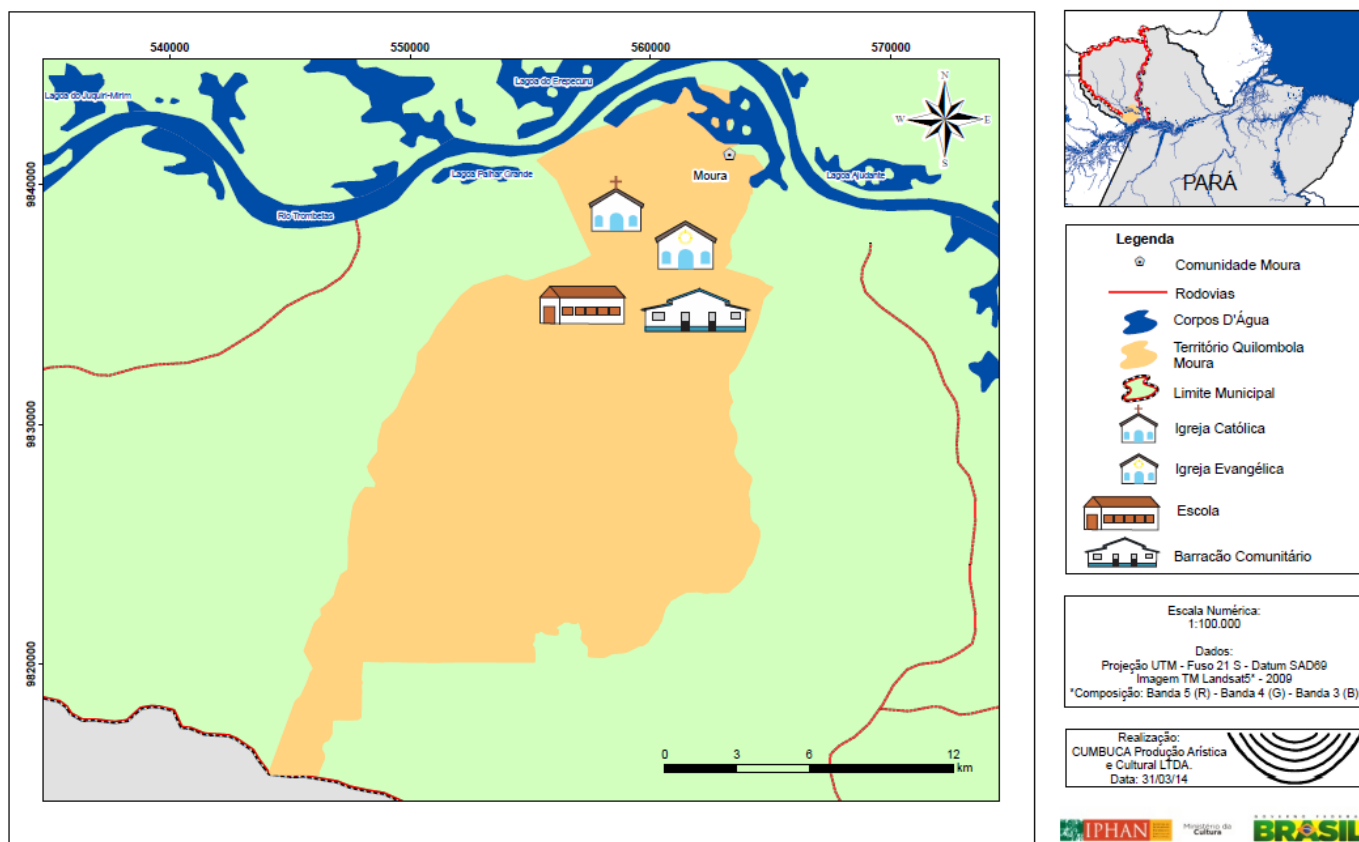
Nesse meio tempo, enquanto luta pela propriedade definitiva e a autonomia de gestão da terra que ocupa, a comunidade vem estabelecendo acordos com o ICM-Bio, órgão gestor das Unidades de Conservação federais, a fim de autorizar práticas agroextrativas tradicionais – roça, coleta de castanha, açaí, copaíba, palha e madeira – nessas áreas, para fins de subsistência.

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Século XIX	Formação dos mocambos do Alto Trombetas, durante a segunda metade do século, seguida do descenso dos mocambeiros do alto das cachoeiras para as zonas mais baixas dos rios já no final do século, sobretudo após a abolição da escravidão em 1888.
Década de 1970	Instalação da empresa Mineração Rio do Norte no município de Oriximiná, mais especificamente na cidade-enclave de Porto Trombetas.
1979	Criação da Reserva Biológica do Rio Trombetas
1985	Instalação de postos de fiscalização do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) limitando o acesso à Rebio Trombetas.
1989	Criação da Floresta Nacional Saracá-Taquera.
2002	Fundação da Cooperativa dos Moradores do Moura.
2004	Abertura do processo nº 5400.002186/2004-74 solicitando a demarcação e a titulação do território Moura junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****01****14****08****F11****01****6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Território Quilombola Moura



Mapa do território do Moura, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca, 2014.

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Neste item serão apresentados apenas os instrumentos que incidem destacadamente na localidade em questão. Na Ficha de Identificação de Sítio são mencionados todos os instrumentos que incidem em comunidades quilombolas de um modo mais geral, em âmbito regional e federal.

1. Constituição da República Federativa do Brasil 1988, em especial o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que dispõe sobre o direito de propriedade das comunidades remanescentes quilombolas sobre as terras que ocupam tradicionalmente;
2. Decreto 98.704 de 27 de dezembro de 1989 que Cria a Floresta Nacional de Saracá-Taquera;
3. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias;
4. Lei n. 9.985/2000 que estabelece o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

A comunidade do Moura tem sido intensamente afetada pela proximidade da cidade de Porto Trombetas e atualmente sofre com problemas sociais decorrentes da assimetria em que a população local se encontra diante do

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

núcleo urbano. Provavelmente os maiores problemas estejam afetando principalmente a juventude local, que é o segmento mais vulnerável a envolver-se com prostituição, inclusive de menores, furtos e pequenos delitos, tráfico e consumo de drogas, abuso de álcool, brigas e agressões, entre outras práticas passíveis de criminalização.

No entanto, até mesmo os adultos e indivíduos de mais idade têm experimentado alguma desestruturação dos seus modos de vida tradicionais, associada à crescente monetização da economia local. Algo que chama a atenção nas percepções atuais dos moradores é o progressivo abandono dos ofícios agrícolas, extrativistas e manuais, seguido da crescente dependência de produtos industrializados que precisam comprados na cidade.

Alguns entrevistados revelaram, por exemplo, que a produção de farinha decaiu consideravelmente em função de um grande número de moradores deixarem suas roças para irem trabalhar como assalariados na Mineração Rio do Norte. Agora, dizem eles, a farinha que antes obtinham na comunidade (não necessariamente por meio de compra e venda, mas com alguma frequência por meio de trocas de produtos) tem que ser comprada na feirinha de Porto Trombetas. O mesmo ocorre com outros produtos, que antes eram produzidos na própria comunidade, como é o caso do arroz, do milho, do feijão, que também podiam ser trocados por outros gêneros produzidos ou coletados na comunidade. Nesse contexto alteram-se os padrões alimentares da comunidade, que são cada vez mais influenciados pelo consumo de gêneros industrializados, e também se esquecem as atividades artesanais subsidiárias da economia agroextrativa – deixa-se de fazer tipitis, paneiros, jamanxins, etc.

De um ponto de vista crítico sobre esse processo de monetização da economia local, alguns moradores assinalam que a dependência do dinheiro recria novas formas de submissão do trabalhador, no caso pelo assalariamento em postos de baixo escalão e empregos temporários na mineração, que não só não garantem provisões duradouras ao trabalhador como ainda o afastam dos meios de produção do próprio sustento.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Qualquer ação ou política voltada para o patrimônio cultural na comunidade do Moura deve levar em consideração a emergência da demarcação e titulação do território quilombola, conforme o pleito de seus moradores. A garantia da base física e material apresenta-se como condição para o pleno desenvolvimento das potencialidades da cultural local, intensamente pressionada pela expansão das atividades minerárias, pelas contínuas restrições aos usos tradicionais dos recursos naturais e pela difusão de modos de vida e padrões culturais urbanos (que é favorecida pela proximidade com a cidade de Porto Trombetas).

Recomenda-se especial atenção às potencialidades de desenvolvimento do artesanato de barro que é praticado por homens e mulheres na localidade. A comunidade conta com infraestrutura, conhecimentos técnicos e considerável capacidade de organização, além de vontade coletiva, para incrementar a produção de objetos em barro como atividade geradora de renda e de alta significação cultural e identitária.

Recomenda-se também a realização de ações de pesquisa e preservação do patrimônio arqueológico da localidade, que tende a ser impactado pela expansão dos projetos minerários na área.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	1 - Festa “cultural” 8 - Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 28 - Festas da Consciência Negra 29 - Festas juninas 30 – Barracão comunitário 45 - Paiol de castanha 46 – Carimbó 53– Desfeiteira 57 - Histórias de encantarias 58 - Histórias do tempo do pega-pega 59 – Ladainhas 60 – Lundu 62 – Mazurca 63 - Músicas de pau e corda (usa-se também a expressão “festa de pau e corda”) 65 – Quadrilha 66 – Valsa 97 - Sítios arqueológicos 100 - Artesanato de barro 105 - Artesanato de talas, palhas e cipós 106 - Culinária tradicional 108 - Medicina tradicional 111 - Modo de fazer beiju-cica 114 - Modo de fazer farinha de mandioca 118 - Modo de fazer tapioca 120 - Ofício de agricultor 121 - Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira 122 - Ofício de caçador 123 - Ofício de castanheiro 124 - Ofício de coletor de açaí 125 - Ofício de copaibeiro 127 - Ofício de gateiro 128 - Ofício de parteira 129 – Ofício de pescador 130 - Puxirum 131 - Técnicas de construção tradicionais 63 – Carimbó 66 – Ladainhas 96 - Sítios arqueológicos 100 - Artesanato de barro 101 - Artesanato de talas, palhas e cipós 102 - Modo de fazer farinha de mandioca 103 - Modo de fazer tapioca 104 - Ofício de caçador
--	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	14	08	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	105 - Ofício de pescador 106 - Ofício de coletor de açaí 107 - Ofício de castanheiro 113 - Culinária tradicional 115 - Medicina tradicional 120 - Técnicas de construção tradicionais 121 – Puxirum 124 - Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira 125 - Ofício de gateiro 126 - Ofício de copaiheiro 128 - Modo de fazer beiju-cica 130 - Ofício de agricultor 131 - Ofício de parteira
ANEXO 4: CONTATOS	31 - Eder Mendes de Oliveira 37 - Elielma de Jesus Pires 58 - José Lopes dos Santos 78 - Manoel Lucivaldo Siqueira 129 - Clóvis
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa, Elielma de Jesus Pires, Luciana Gonçalves de Carvalho		
SUPERVISOR	Ricardo Nei de Araújo		
REDATOR	Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa	DATA 28/02/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Luciana Gonçalves de Carvalho		